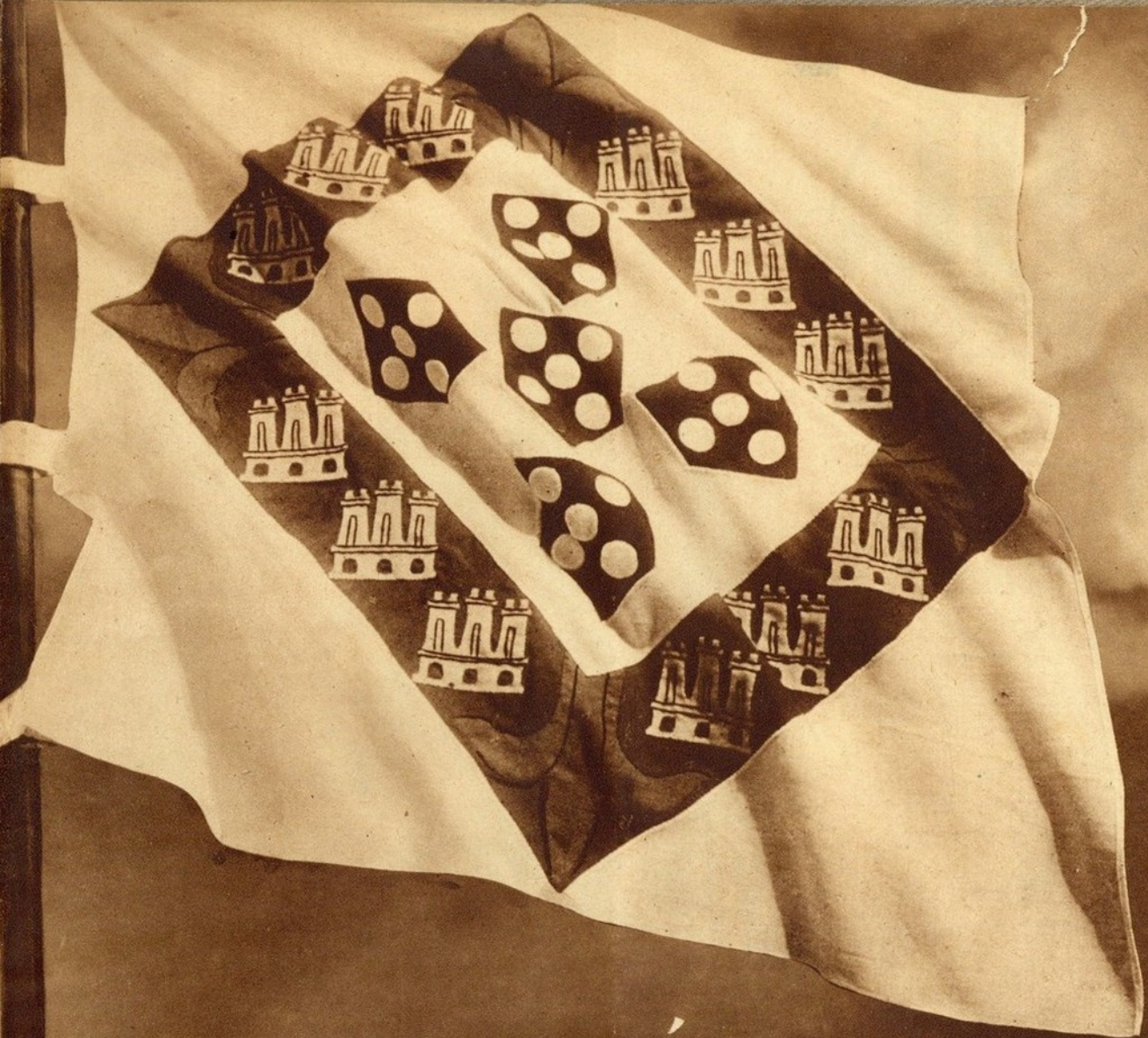
RAINHA
D. LEONOR
PADROEIRA
DA MOCIDADE
PORTUGUESA
FEMININA

Estatua de
Francisco Franco
Fot. de Mário Novais

SUMÁRIO

N.º 1

— Ao começar;
— Raparigas! Falam-vos... A Presidente da O. M. E. N. e a Comissária Nacional da M. P. F.;
— Avé! Mãe Celestial! Avé! Canta Portugal!;
— À Conquista do Ideal;
— O Lar — (Espírito de Família e A Habitação);
— Recordando o passado...
— Museus;
— A página das Lusitas;
— Trabalhos de mãos.

OBRA DAS MÃES PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

"MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA"

BOLETIM MENSAL — LISBOA, 13 DE MAIO DE 1939

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina.
Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8.
Arranjo gráfico, gravura e impressão de Neogravura, Ltd.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.º 6 — Lisboa

ASSINATURA AO ANO: 12$00 — PREÇO AVULSO: 1$00

AO COMEÇAR

QUE vos hei-de dizer ao escrever estas primeiras linhas para o nosso Boletim? Recordo há quanto tempo vós, raparigas da Mocidade, viveis no nosso coração!

Já lá vão quási 3 anos que o Ex.^mo^ Sr. Dr. Carneiro Pacheco, Ministro da Educação Nacional, pensou em fundar a *Mocidade Portuguesa Feminina* e confiou o seu ideal a um grupo de senhoras.

Se eu vos pudesse contar com que carinho maternal vos sonhámos belas, boas e felizes!

Conheceis a história da *Branca de Neve?* A rainha ao bordar, picou um dedo onde aflorou uma gôta de sangue. — "Quem me dera ter uma filha — pensou — com os cabelos negros como o èbano dêste bastidor; a pele branca como êste setim; os olhos azuis como os miosotis do meu bordado; e a bôca vermelha como esta gôta de sangue..."

Também nós, num sonho belo, vos idealizámos puras como a neve, sàdias como as papoilas do campo, alegres como um ráio de sol: *Mocidade* em flôr, almas simples, generosas e grandes como o nosso sonho que confiava em vós para a grandeza de Portugal!

Se vos pudessemos contar quanto interesse e quantos cuidados tudo que vos dizia respeito nos inspirava . . .

Tudo nos preocupava . . .

A escolha das "protectoras„ das vossas alas, que desejariamos fôssem para vós como *madrinhas* de que o exemplo vos levasse a imitar-lhes as virtudes.

Os programas dos cursos, em que punhamos ambições de vida completa e perfeita: desejando que êles contribuíssem para a vossa saúde e desenvolvimento físico, ao mesmo tempo que vos preparassem para a vossa futura missão de mãis, esposas e donas de casa.

E com quanto carinho, misturado de apreensões e esperanças, acompanhámos os vossos primeiros passos!

Diz António Correia de Oliveira que

Quando o pé dos nossos filhos
Pisa o chão a vez primeira,
Ou se rasga um negro abismo
Ou nasce alguma roseira!

Qual seria o futuro da *Mocidade!?*

Não faltava quem agourasse mal . . . Mas não faltava também quem envolvesse a *Mocidade* num sorriso de esperança!

Nós não poderiamos deixar de ser do número daqueles que esperavam ver nascer sob os passos de *Mocidade* um roseiral em flôr!

Pois não pretende a *Mocidade Portuguesa Feminina* fazer florir em Portugal as virtudes que dignificam a mulher e engrandecem o país?

Só o mal "rasga negros abismos„ de perdição . . .

E a missão da *Mocidade* é uma missão de bem: sôbre ela está a benção de Deus e da Igreja — e a benção de amôr de todos os bons portugueses!

RAPARIGAS! FALAM-VOS:

Mocidade Portuguesa Feminina

O Estado Novo organizando-vos depositou em vós uma confiança que deveis merecer.

É preciso que um sopro de ideal purifique o ambiente de egoísmo e de materialismo que actualmente vos rodeia e que vosso coração se eleve para a realização consciente e corajosa dos vossos grandes deveres.

Que a ideia da família que estais chamada a formar evoque aos vossos olhos um passado de tradições a perpetuar — um património intelectual e moral a engrandecer, uma atmosfera familiar a criar, uma participação a uma vida social a aperfeiçoar.

Sede disciplinadas, fortes, viris sem ser masculinas, com espírito profundamente cristão e nacional.

Pelo engrandecimento da família e a valorização dos seus componentes resurgem as nações.

C.ssa de Rilvas

A PRESIDENTE DA OBRA DAS MÃES PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

Faz hoje precisamente um ano que Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa benzeu em Fátima as bandeiras da M. P. F. e que, nesse dia e no augusto ambiente do acto ali realizado teve a sua primeira manifestação de vida colectiva.

Comemorando a passagem dêste aniversário publica-se hoje o primeiro número de "Mocidade Portuguesa Feminina", órgão mensal da nossa organização.

"Mocidade Portuguesa Feminina" pretende ser uma revista cultural e educativa, formadora da mentalidade e da consciência da rapariga portuguesa, e fará o registo da vida da M. P. F. Além disso, nela se tratarão todos os problemas que possam interessar o espírito da mulher, marcando o sentido cristão dos mesmos, definindo e orientando a sua acção no lar, na família e na sociedade.

Que as filiadas da M. P. F. correspondam a êste anseio acarinhando a sua revista — que é o mesmo será dizer — vivendo-a.

Maria Guardiola

A COMISSÁRIA NACIONAL DA MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA

AVÉ
MÃE CELESTIAL!
AVÉ
CANTA PORTUGAL!

O primeiro número do nosso Boletim sai a 13 de Maio, numa homenagem de amor Aquela sob a bênção de quem a M. P. F. se colocou, levando a Fátima as suas primeiras bandeiras e guiões para ali serem benzidas.

Que Nossa Senhora da Fátima se digne abençoar também estas páginas, que desejariamos fôssem um *guião* espiritual a conduzir, na sua marcha através da vida, as Filiadas da Mocidade!

Confiantes em Maria, começamos a nossa carreira . . .

As Filiadas da *Mocidade* não seriam boas portuguesas se não amassem a Padroeira de Portugal.

Graças à protecção da Nossa Senhora, Portugal tem resistido às convulsões do Mundo que teem desfeito impérios . . .

Principalmente desde que a Virgem Santíssima apareceu em Fátima, a sua protecção maravilhosa mais se tem feito sentir: no céu tempestuoso da Europa Portugal resplandece como uma estrêla!

E o brilho dessa estrêla não diminuïrá enquanto durar a nossa confiança na nossa celeste Padroeira.

A história das nações é escrita pelos homens, mas vem do céu a inspiração e a graça que ajudam a realizar e tornam grandes os feitos dêsses homens!

Portugal é a Terra de Santa Maria. Em todos os altares da nossa Terra há flores no mês de Maio, preito da Terra Portuguesa à sua Soberana. Que trono mais lindo do que um trono de rosas poderiamos erguer à Rosa Mística, de que o perfume traz à Terra a nostalgia do céu?

Há rosas sôbre os altares . . . Rosas brancas, rosas vermelhas, rosas côr de rosa . . .

E há grinaldas de rosas nas nossas mãos: rosários de Avé Marias, onde as rosas teem cores simbólicas: brancas como a alegria, nos mistérios gosozos; vermelhas como o sangue, nos mistérios dolorosos; côr de rosa como o esplendor da alvorada do dia da eterna bemaventurança, nos mistérios gloriosos.

Na igreja de S. Lourenço, em Nuremberg, existe uma velha pintura em que as contas do têrço (um *têrço* é a terça parte do rosário e compõe-se de 50 Avé Marias) são pequenas rosas.

A ideia é interessante e significativa. Em Roma, costume que se generalizou durante a Idade Média, as pessoas nobres usavam uma coroa de flores chamada *chapel* (daqui deriva a palavra *chapelet,* que é o nome que os franceses dão à terça parte do rosário).

Essas coroas de flores foram mais tarde transformadas nas coroas de oiro que cingem as frontes dos reis.

Rainha do Céu, a Virgem Maria tem direito a uma coroa superior a todas, que se não desfolhe como as rosas e valha ainda mais do que o oiro: coroa de orações com que nós, pobres pecadores, exaltamos Aquela que o Anjo saüdou cheia de graça!

Não deixemos passar nem um só dia do mês de Maio sem entrelaçarmos uma coroa de rosas para a Mãe de Deus, que é também nossa Mãe.

Á CONQUISTA DO IDEAL

CÁI-VOS hoje nas mãos, pela primeira vez, o vosso jornal. Ides devorá-lo com os olhos, mirá-lo todo sobretudo com o vosso coração.

E' o vosso jornal — é o nosso jornal.

Todos os meses, entre tanta coisa boa e bela que aqui heis-de encontrar, para utilidade e recreio do vosso espírito e do vosso coração, tereis logo de entrada esta página. Trará ela sempre uma palavra amiga, por vezes forte, mas sempre a erguer-vos para os cimos mais altos do Ideal.

E' que já não é possivel poder-se pensar que ainda haja em Portugal, hoje em dia, uma rapariga que não queira **subir**, subir sempre, com sacrifício até, e sempre com alegria maior, erguer-se até onde mora o Ideal — para aí viver na sua contemplação e na sua prática.

Viver mesmo é isto: — ter um Ideal, alto e lindo, e consagrar-se a gente a passá-lo para nós com entusiasmo, com generosidade — com amor. E, em particular, é esta a vocação da mocidade: — ser apaixonadamente generosa quando se trata de trabalhar em si mesma a imagem da Beleza, da Verdade, da Bondade — do Heroismo e da Santidade.

A isto vem êste jornal. Deus o traga em bem.

Logo no frontespício, uma figura do que de mais formoso em graça tem tido esta nossa terra de Portugal. A Rainha D. Leonor e D. Filipa de Lencastre são as vossas Padroeiras.

Metei dentro de vós, no melhor cantinho do vosso peito de raparigas moças, estes modelos de esposas e mãis. Metei-vos na sua escola de virtudes e tomai sempre pelos caminhos dos seus exemplos fortes — suavemente fortes a rescender àquêle arôma exquisito de ambrósia que é o que nasce da meditação e prática do Evangelho de Jesus Cristo.

Ficaram elas na nossa História como estrelas de brilho e esplendor do céu da Pátria, onde não faltam tantas outras — tôdas formosas de alma, tôdas grandes — tôdas portuguesas e cristãs.

Não vos canseis nunca de andar por onde elas andaram: — os caminhos da Virtude e da Pátria — nem sejais cobardes em as seguir à conquista dos Cimos.

Esfôrço? Mas qual de vós o há-de negar neste combate que pode vir a pedir sangue, mas dá, sempre, ao cabo, satisfação interior, alegria santa de viver, mais amôr às coisas grandes que nos fazem a nós melhores? Então, vamos a isto, raparigas de Portugal. Nunca parar. Nunca olhar para traz. Pregar os olhos lá em cima, para lá mesmo do azul do Céu e lá andar sempre a beber na Fonte de todo o Ideal. Depois, sê semeadora dêste Ideal na tua terra de Portugal — no teu cantinho de vida — e, aí, sê verdadeiramente uma môça cheia, cheia de todo, a transbordar em riqueza, cheia dos exemplos daquelas que enchem tão bem a nossa História linda.

G.

O LAR

A HABITAÇÃO

ESCOLHA DA CASA

A casa é o nosso ninho. As aves não se poupam a trabalhos e sacrifícios para tornar aconchegado o seu ninho. Devemos imitá-las.

A nossa casa — o nosso ninho — deve merecer-nos a nossa melhor atenção e carinho.

Devemos desejar a nossa casa bonita, alegre, higiénica. E' um desejo bem legítimo, porque a casa tem uma grande influência na felicidade da família.

Se nos sentimos bem em casa, gostamos de lá estar — é natural! E se os pais e os filhos *gostassem de estar em casa,* o convívio familiar estabeleceria entre êles uma intimidade que faltará se cada um fôr para seu lado porque em casa nada os prende.

COMO DESEJAR A NOSSA CASA?

Nem sempre é possível ter uma casa como nós a idealisamos.

Se a casa nos pertence, se a recebemos em herança, temos de nos resignar com os seus defeitos, esforçando-nos por atenuá-los.

Se a casa é alugada, quando vamos escolhê-la devemos atender a um certo número de condições. Mas quantas vezes essas *condições* têm de ser sacrificadas ao limite duma renda que não podemos exceder!

Em todo o caso, *dentro do possível,* devemos procurar escolher acertadamente, sem sacrificarmos o essencial ao secundário.

Por exemplo: não devemos preferir uma casa, porque tem uma fachada de luxo, a outra modesta, mas cheia de sol.

AR! LUZ! SOL!

Deve ser a nossa primeira ambição ao escolher uma casa.

Uma casa soalheira é uma casa alegre e sàdia; uma casa voltada ao norte ou permanentemente ensombrada por outros edifícios que lhe roubam o sol, é uma casa doentia e triste.

Também devemos ter cuidado em reparar se a casa é húmida: a humidade é muito prejudicial à saúde.

Se sentirmos cheiro a bafio, se virmos manchas nas paredes ou o papel que forra a casa a despegar-se, cuidado! a casa é má, porque é húmida, embora seja bonita!

Também, sendo possível, devemos evitar alugar casa junto de fábricas de que o barulho incomoda ou na visinhança de mercados, que, principalmente no verão, deitam maus cheiros, e ainda na proximidade de águas estagnadas onde se criam mosquitos transmissores de muitas doenças.

O *ideal* seria uma casa desafogada, com sol e um jardim . . .

Quem tiver uma casa assim, dê graças a Deus! Quem a não tiver, procure ao menos tirar proveito de certos meios ao alcance de todos e que podem melhorar as condições higiénicas da habitação.

Mas isto fica . . . para o próximo número.

ESPIRITO DE FAMILIA

QUEIXAM-SE que, no nosso tempo, a vida de familia está tão deminuida que quási desapareceu. Mas como para a nossa felicidade nada pode substituir o lar e a familia, se o espirito de familia se perdeu é preciso adquiri-lo de novo.

Se a familia está abalada ou desfeita, precisamos de restaurá-la.

Sem dúvida, as condições de vida, hoje, são muita diferentes de há cem anos. Estamos longe do tempo em que as raparigas esperavam anciosamente um dia de procissão para chegarem à janela ou o domingo para irem dar uma volta pelo Passeio Público.

Nos nossos dias sai-se muito. Quer a nossa vida seja utilmente empregada, quer seja inutilmente desperdiçada, obrigações ou prazeres atiram-nas para o exterior; passa-se a maior parte do tempo fóra de casa em lições, visitas, obras, passeios, emprêgos, etc.

Mas precisamente porque as condições não são favoráveis à intimidade do lar, mais um motivo pora intensificar o espirito de familia.

E' preciso que a fôrça e delicadeza dêsse espirito familiar compensem as dificuldades criadas pelas circunstâncias.

Estamos menos tempo em casa? Temos de redobrar de bondade, de alegria e de carinho para numa hora podermos encher de calor o coração dos nossos.

São pequenas as casas modernas, mal se cabe lá dentro? Maiores milagres de bom gôsto e de ordem temos de fazer para ageitarmos com confôrto o nosso cantinho.

E' certo que o espirito de familia tem-se perdido muito; mas nisto, como em tudo, compete aos novos reagir.

Porque não hão-de ser as raparigas a ressuscitar as festas familiares com os seus lindos costumes tradicionais?

Porque não hão-de ser elas a aproximar e unir os pais e irmãos, talvez demasiadamente afastados numa vida dispersa e egoista que torna o lar deserto e frio?

Porque não hão-de ser elas a ajudar a mãi, talvez cansada e triste, na sua missão de trabalho que é também uma missão de alegria?

Para que no lar exista bem-estar e confôrto não basta amarmo-nos muito uns aos outros: são indispensáveis também certos cuidados materiais, talvez humildes, mas tão dignos de tôda a mulher!

A vida de familia — para ser feliz — tem mil exigências: pede-nos virtudes morais e conhecimentos domésticos, bom gôsto e bom senso, qualidades de ministro de finanças e até de ministro de educação...

Um pouco de tudo isto é o que nos propomos dar às filiadas da Mocidade *nesta secção.*

RECORDANDO O PASSADO

O passado da M. P. F. ainda não é longo, mas são recordações preciosas as dos primeiros tempos duma organização.

Gosta-se tanto — mais tarde, quando se desce já pela encosta da vida — gosta-se tanto de voltar "aos caminhos e ao sol da nossa infância„ como diz o poeta!

Certamente as filiadas da *Mocidade* lerão com prazer estas páginas, em que lhes vamos contar como a *Mocidade* nasceu e como ela tem vivido até agora.

Foi no dia 11 de Julho de 1936 que teve lugar a primeira reünião preparatória para a instituïção da *Obra das Mães pela Educação Nacional,* de que a *Mocidade Portuguesa Feminina* é uma das secções.

A reünião realizou-se no Ministério da Educação Nacional, sob a presidência de Sua Ex.ª o Ministro Dr. António Faria Carneiro Pacheco, fundador e principal organizador da *Obra das Mães,* e, por conseguinte, também da *Mocidade.*

Nesta reünião foi nomeada a Junta Central, ficando determinado convidar-se para Presidente de Honra a Esposa do Chefe do Estado, Ex.ma Senhora D. Maria do Carmo Fragoso Carmona, e Presidente efectiva a Ex.ma Senhora Condessa de Monte Real.

Para a Direcção executiva da O. M. E. N. foi nomeada Presidente a Ex.ma Senhora Condessa de Rilvas.

Não devemos esquecer o nome dos nossos maiores; e o nome do Senhor Ministro da Educação Nacional é aquele que deve ter o primeiro lugar no nosso respeito, estima e gratidão; a êle deve a *Mocidade* a sua existência.

Quatro dias depois, no dia 15 de Julho, realizou-se no Palácio Presidencial de Belém e sob a presidência da Ex.ma Senhora D. Maria do Carmo de Fragoso Carmona, a sessão solene da instituïção da O. M. E. N.

Estava lançada oficialmente a obra. Faltava organizá-la. Em missão de estudo, partiram para Itália, em Setembro, as Ex.mas Senhoras D. Maria Baptista dos Santos Guardiola, presidente da missão, mais tarde nomeada Comissária Nacional da M. P. F., D. Fernanda de Almeida d'Orey, D. Maria Luísa Saldanha da Gama van-Zeller, adjuntas da Comissária Nacional, e D. Maria Palmira Morais Pinto.

No regresso desta missão, o Senhor Ministro da Educação Nacional apresentou o regulamento da *Mocidade Portuguesa Feminina,* que seria uma instituïção de características absolutamente nacionais, embora com pontos similares com outras instituïções estranjeiras criadas para o mesmo fim: educar e nacionalizar a Juventude, preparando a mulher, de quem depende a segurança e a felicidade da família, e, por conseguinte, o bem da Nação.

Começou a trabalhar-se activamente. Em sucessivas reüniões, foram-se estudando os emblemas, fardamentos, ficheiros, nomeação das Delegadas Provinciais, cursos de instrutoras, planos de estudo segundo os "escalões„ etc. E assim se passou um ano de trabalho.

Em Fevereiro de 1938 a Comissária Nacional da Mocidade esteve em Lisboa, Pôrto, Braga, Vila Real e Bragança a organizar a M. P. F., ini-

ciativa em tôda a parte acolhida com simpatia e esperança, prestando-se todos da melhor boa vontade a dar-lhe a sua colaboração.

Na sede da M. P. F. as inscrições cresciam dia a dia... Havia entusiasmo e até um bocadinho de impaciência em ver aparecer a *Mocidade!*

No dia 11 de Maio o primeiro grupo de filiadas da Mocidade Portuguêsa Feminina apareceu em público, e, como era de justiça, a sua primeira manifestação exterior foi uma visita de cumprimentos ao senhor Ministro da Educação Nacional.

No dia seguinte, 500 filiadas, representando a Mocidade, já em organização em cinco Províncias, dirigiu-se para Fátima. Jornada de alegria que foi também um triunfo!

Em Fátima, o povo humilde olhava enternecidamente para as filiadas da *Mocidade* e saüdava-as, erguendo o braço, no gesto nacionalista.

Outros preguntavam: "Quem são?„

E o nome da *Mocidade* andava de boca em boca com louvores pela correcção com que as raparigas se apresentaram.

No dia 13, às 9 da manhã, o Rev.^mo^ Senhor Bispo do Pôrto celebrou o Santo Sacrifício para as filiadas da *Mocidade* e Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca dignou-se benzer as bandeiras e guiões, tendo pronunciado nessa ocasião as seguintes palavras:

"Acaba de caír sôbre as vossas bandeiras a bênção da Igreja. Elas são o símbolo do ideal que vos une e que se pode definir por Deus, Pátria e Família. Este ideal já se começou a realizar. Sois vós chamadas, sob estas bênçãos, a militar naquilo que é herança de oito séculos de história. Disse alguém ser a vida o pensamento da mocidade. A vida é realmente um pensamento de Mocidade. E quando o pensamento é grande, nobre e belo, a vida é grande, nobre e bela. Para a mocidade, um grande ideal a iluminar-lhe a alma é como anunciar-lhe o dia glorioso que nasce.

Nas vossas bandeiras resume-se o que de mais alto palpita na Pátria Portuguesa!... Bandeiras ao alto sôbre Portugal, Terra onde uma grande esperança nasce.„

1 — Acompanhadas pela Comissária Nacional, as Filiadas da M. P. F. visitam o Senhor Ministro da Educação Nacional; 2 — Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca falando às Filiadas da M. P. F.; 3 — Descendo as escadarias da Basílica depois da bênção das bandeiras.

MUSEUS

1 — Um grupo de raparigas da "Mocidade Portuguesa„ prepara-se para visitar o Museu das Janelas Verdes. É já manifesto o seu interêsse pelos objectos que ali se expõem. 2—Os painéis de S. Vicente, grande lição de história e de arte, prendem fortemente a atenção das visitantes.

As visitas aos Museus de Arte devem ser consideradas pelas raparigas da "Mocidade Portuguesa„ como um dos mais importantes complementos da sua actividade escolar e nunca serão horas perdidas aquelas que reservarem para freqüentar as suas Salas.

As fotografias que acompanham, em convincente reportagem, êste artigo esclarecem, melhor que parágrafos de prosa compacta, o acêrto acima enunciado.

No Museu aprende-se, sem esfôrço e com aprazimento, a grande lição da História Pátria, vivida em objectos que pertenceram e foram utilizados pelos vultos mais eminentes.

Ides às Janelas Verdes...? Ali evocareis, na cruz e nos cálices que o rei D. Sancho e a rainha D. Dulce deram aos Conventos de St.ª Cruz de Coimbra e de Alcobaça, a fé dos que empreenderam a conquista do território nacional; na cruz e na custódia de Alcobaça, a grandeza dos Mosteiros que prepararam, a seguir á guerra, a cultura dos campos e dos espíritos; nas tábuas de S. Vicente, as gloriosas campanhas que nos deram a posse das praças de Marrocos; nos painéis de St.ª Auta, na custódia de Belém, nas peças de ourivesaria colonial, nas faianças inspiradas em motivos chineses ou persas, a epopeia do descobrimento e da expansão ultramarina; no relicário da Madre de Deus, a figura bondosa e altruista da rainha D. Leonor..., ao passo que os retratos de D. Afonso V, de D. João II, do Infante D. Henrique, de D. Sebastião, de D. João III nos conduzem ao convívio de personagens que tanta influência tiveram nos destinos da nacionalidade.

A curiosidade, despertada pelo exame das belas obras de arte decorativa — em peças saídas das mãos dos joalheiros, dos tapeceiros, das rendeiras, das bordadoras, dos ceramistas, etc. — constitue útil lição, ilustrativa do trabalho honesto de artífices profundamente dedicados a seus mesteres e tão despreocupados de sí próprios que raro assinavam as suas admiráveis produções.

Mas, acima de tudo, as visitas aos Museus proporcionam grandes sugestões de beleza, indispensáveis numa época em que a vida rápida e utilitária se passa em frente de cenários necessáriamente simples e desprovidos das galas que enfeitavam os meios aparatosos nos quais decorria a vida dos nossos antepassados

Os Museus são assim uma útil compensação, que não deve ser posta de parte e que deve ter primacial logar no programa dos que têm a seu cargo a formação de uma mocidade, evidentemente *moderna,* mas conhecedora, respeitadora e, porventura, capaz de assimilar a formosa lição de um *grande passado.*

JOÃO COUTO

3—Os retratos dos reis de Portugal completam a lição de História, ouvida na Escola. 4—A custódia de Belém, reliquia preciosa do nosso passado, desperta sempre a maior curiosidade e interêsse nos estudantes que visitam o Museu. 5—O exame dos tecidos antigos e dos bordados são complemento indispensável para a lição da professora que na Escola se ocupa do seu ensino.

ERA UMA VEZ...

A FELICIDADE DO QUIM

ERA uma vez um rapazito chamado Quim, que vivia feliz e contente no meio da sua família. Tudo para Quim era razão para se alegrar; e as próprias coisas aborrecidas, que todos têm de vez em quando, para Quim pareciam tornar-se agradáveis! O resultado dêsse génio alegre e bom era que todos o apreciavam, todos gostavam imenso do rapazinho.

A família do Quim era grande, pois tinha um enorme rancho de primos e primas; mas em casa eram só quatro — o pai, médico afamado, a mãi, senhora cheia de bondade e *Geninha*, a irmãsita de 6 anos, que êle adorava.

— Porque é que estás sempre contente? — preguntou-lhe um dia Alvaro, o primo que tinha a mesma idade, e era muito casmurro.

— Eu acho tudo uma grande estopada. — Quim indignou-se e exclamou:

— Estopada?! Não sei o que isso é! Estudar, quando se entende o que se lê, é até divertido: e depois fica-se sabendo. Correr?! É optimo. Brincar? Esplendido! — e Quim ria, brilhando de maneira intensa os seus lindos olhos.

— Não pódes dizer que tudo é bonito em volta de nós — observou-lhe Maria Emília, com curiosidade — que achas tu bonito neste jardineco tão feio?

— Quim apontou o grosso tronco dum velho pinheiro, tôrto e engelhado, e já quási sem rama. Maria Emília, indignada, gritou:

— Estás doido?! O pinheiro é medonho; e bem sabes que o tio até pensa em deitá-lo abaixo.

Mas Quim levou a prima pela mão junto à velha árvore e apontando os grossos pingos de resina que brilhavam ao sol como brilhantes, respondeu:

— Olha como é lindo! Até as côres do arco iris aqui se vêem! — E Maria Emília murmurou, admirada:

— É verdade... Não tinhas visto!

Alvaro, ainda casmurro, tornou, troçando:

— Aquela travessa de sardinhas, além na cosinha, também te parece bonita, Quim?

Quim olhou o monte de peixinhos que a cosinheira acabara de trazer e sorrindo, encantado, disse:

— Olha bem para as sardinhas, Alvaro; é como se fôssem de prata macissa! Como podes achá-las feias?!

E os olhos de Quim nunca viam o que era feio, nunca sentiam a maldade; e de tudo o que sucedia na sua vida de criança só o impressionava o lado bom das coisas. Um dia, Alvaro resolveu fazer-lhe uma partida. — Há-de vir a sua vez de achar uma coisa feia — disse de si para si, com o olhar mau. E quando Quim saiu à noitinha, para ir dar a lição de doutrina à pequenina da caseira, Alvaro foi, sem que ninguém o visse, soltar a cadela grande, a *Fera*, que bem justificava o seu nome terrível. Quim deu a sua lição e, como de costume, vinha a cantarolar baixinho pela quinta fóra; mãos nas algibeiras, cara risonha, coração contente. Mas na volta do muro salta o enorme cão, com roncos de raiva, dentes à mostra e olhar feroz!

O pobre Quim, cheio de mêdo, estacou e nada disse. Nem fôrças teve para gritar! E o monstro já lhe fincara os dentes numa perna... Mas Quim desmaiou, caindo pesadamente no chão.

Então a cadela, espantada por não sentir resistência e cheirando o corpo inerte de Quim, desistiu de o atacar. Julgou-o o morto? Não se sabe! O certo é que se deitou ao lado dele, com o negro focinho entre as patas dianteiras e ali ficou, imóvel.

Meia hora depois, os pais de Quim, admirados de o não ver voltar de casa dos caseiros foram chamando pela quinta adiante:

— Quim! Quim! — Mas a meio caminho viram erguer-se o vulto temível da *Fera*, ao lado do corpito inerte do filho, que ainda não voltara a si...

. . . .

O pobre Quim estava convalescente duma febre cerebral; e nunca ninguém pudera compreender como é que a cadela se soltara naquela noite!

Agora, junto à cama do primo,

viera sentar-se, triste e cabisbaixo, Alvaro.

— Quero dizer-te tudo, Quim — começou êle baixinho — fui eu que soltei a cadela naquela noite... — e, envergonhado, Alvaro, escondeu a cara com as mãos. — Perdoa-me, Quim! Estou tão arrependido...

— Mas Quim, beijou-o, e disse:

— Como foi bom tudo isso, Alvaro! A pobre *Fera*, vendo-me sem lhe fazer mal, tornou-se mansa como o lôbo de S. Francisco d'Assis, lembras-te? — e Alvaro sorriu também. — E tu, que nem sempre eras bom (porque não sabias, coitado, como se é feliz em não ver a maldade), tu próprio estás transformado, não estás?

— Alvaro rompeu em soluços de arrependimento; e Quim, com a sua cara junto à dêle, concluiu:

— Se soubesses como é delicioso achar sempre o lado bom de tudo! A vida é linda! E há tantas coisas que as pessoas não vêem... porque não procuram vê-las!

a Página das Lusitas

Correspondência

Queridas Lusitas:

Êste cantinho é reservado para as vossas cartinhas; sempre que lhes apeteça digam o que pensam; e aqui vos responderá a vossa velha amiga

TIA ANICA

A LUSITA *nunca deve:*

Esquecer que a grande felicidade está no dar aos outros e servi-los!

Troçar dos ignorantes: pois há sempre coisas que êles sabem e ela não...

Deixar de pedir tudo por favor: assim, mais fàcilmente lho darão.

Deixar de concorrer para a Ordem e a Disciplina!

Charadas e Adivinhas

N.º 1

Seja em que tecido fôr
Pouco ou muito em si encerra
(2 sílabas)
Anda cá para o pé de mim
(1 sílaba)
De loiça linda é a terra.

N.º 2

Em terras de Aljubarrota
(1 sílaba)
E já no tempo de Cristo
Para a pesca me aproveitavam
(2 sílabas)
Sem mim não há moradia
Não há casa para estar:
Todos me querem nos quartos
Não podem sem mim morar

(A solução vem na página 15)

ABELHINHAS

UMA IDÉIA DE MARIA AMÉLIA

MARIA AMÉLIA era uma Lusita espertíssima e trabalhadeira como poucas. Um dia, lembrou-se de juntar um rancho de primas e amiguinhas e disse-lhes:

— Oiçam bem a idéia que eu tive: Vamos formar a Associação das Abelhinhas e trabalhamos tôdas para as crianças pobres da nossa freguesia; valeu?

— Mas não somos tôdas da mesma!

— Eu sou de Santos.

— Eu da Lapa.

— Eu de Santa Isabel.

— Eu...

Maria Amélia tapou os ouvidos e continuou:

— Já sei, já sei, já sei. Isso não transtorna nada a minha idéia; pelo contrário. A questão é trabalhar. Vamos a saber: qual é o trabalho que sabem fazer?

— Eu já faço "crochet„ e "tricot„ para bébés pobrezinhos.

— Eu ando a ensinar a Avé-Maria à filha da porteira.

— Eu não sei fazer nada!

— Nem eu...

— Nem eu...

— Mau, mau! — gritou Maria Amélia. — Quem nada fizer não entra para a Associação. Vou lembrar mil coisas que podem fazer as desastradas. Mas primeiro pensem tôdas durante 5 minutos, o que podem fazer. — Calaram-se tôdas e só se ouvia o "tic-tic„ do relógio de parede...

— Pronto! — gritou Maria Amélia — falem cada uma por sua vez, e vamos saber já o que faz cada abelhinha.

— Eu faço casaquinhos.

— Eu posso ensinar o Padre Nosso e a Avé-Maria a mais algumas miúdas.

— Eu podia fazer casaquinhos também.

— E eu!

— E eu!

— Bem — tornou Maria Amélia. — Eu lembro um trabalho útil para ti, Vera, e algumas outras que queiram: é juntar brinquedos velhos para as criancinhas dos Hospitais e das Créches.

Vão, pelo mês adeante, metendo tudo numa grande caixa de papelão; dás dos teus, ou pedes às amigas, e arranjas durante o mês todo uma quantidade de coisinhas que vão dar alegria!

Vera, contente, respondeu:

— Mas isso não é trabalhar!

— E' sim senhor; e verás, ao fim do mês...

— Eu também quero juntar brinquedos!

— E eu!

— Eu arranjo livros de bonecos!

— Eu faço camisinhas e embainho fraldas.

— Está fundada a *Associação das Abelhinhas* — exclamou solenemente Maria Amélia.

— E' preciso, agora, organizá-la em termos e marcar os serviços tudo escrito num papel: — e Maria Amélia começou a escrever os nomes de cada uma, com o trabalho que escolhia.

— Há-de haver uma *Abelha Mestra*, mas tem de se mudar de 6 em 6 meses.

— Começas tu, Maria Amélia!

— Viva a *Abelha Mestra*, gritaram.

— Schiu! — ralhou a *Abelha Mestra* eleita. — Todos os meses — continuou — hão-de escrever para a *Abelha Mestra*, que móra neste jornal, os trabalhos que fizeram, as lições que deram, os brinquedos que juntaram.

— E depois?

— A *Abelha Mestra* no jornal seguinte é que responde; e diz como se hão-de distribuir os brinquedos e os fatinhos. Havemos de ter um emblema: uma abelhinha dourada ou prateada, e cada uma das abelhinhas ha-de ter em casa um mealheiro de barro para deitar as esmolinhas da Associação.

— E para que são essas esmolinhas?

— Para quê? Para comprar as lãs dos casaquinhos, o pano das fraldas e alguns bolos de vez em quando!...

— Viva a *Associação das Abelhinhas!*

— Vamos a ver mas é o *mel* que as Abelhinhas produzem até ao mês que vem — concluiu Maria Amélia.

TRABALHOS *de* MÃOS

AINDA vem longe o mês de Dezembro... Ainda há árvores floridas, hão-de amadurecer os frutos e cair as fôlhas antes que Dezembro chegue com o frio e a neve de inverno...

Parecer-vos-á, pois, talvez cêdo de mais para começarmos já a publicar modêlos de roupinhas de criança para a distribuïção a realizar na "Semana da Mãi„.

Mas o tempo passa a correr. Parece que foi ainda ontem o Natal e já lá vai a Páscoa! Não tardam as férias, e como será êsse o tempo que tereis mais disponível para trabalhar, e como queremos publicar um enxoval completo de bébé, sem esquecer o bêrço e a roupa para êle, damos-vos já hoje os primeiros modêlos.

A estes, outros se seguirão: mais casaquinhos e babetes, chales e sapatinhos, camisas e cueiros, toucas e vestidos de baptisado, etc. e também desenhos para a roupa do bêrço que fica tão bonita enfeitada com motivos infantis.

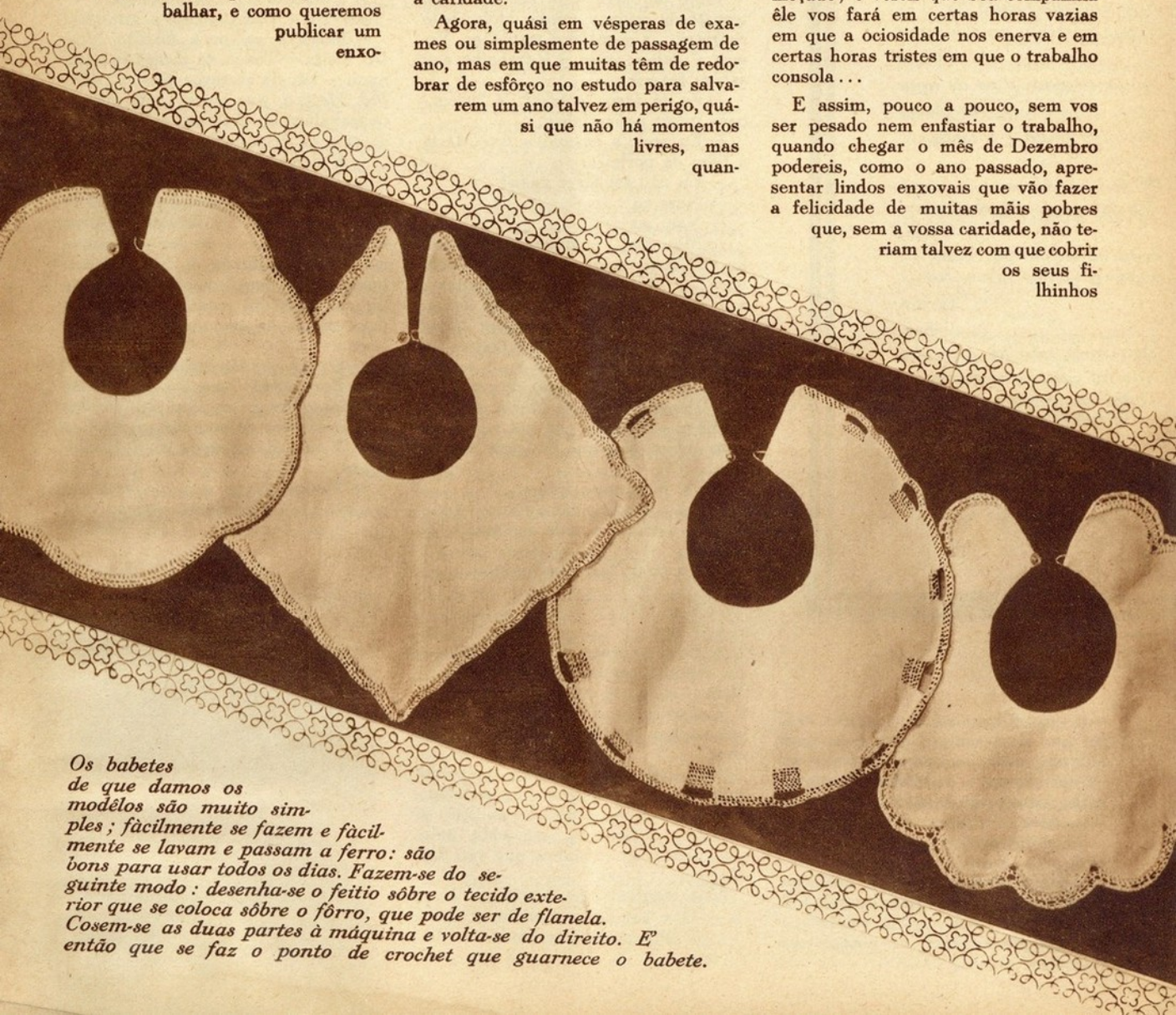
O ano passado todos os trabalhos estavam feitos com uma perfeição e um mimo que revelavam bem que as mãos das raparigas são sempre mãos de fadas, sobretudo quando as move a caridade.

Agora, quási em vésperas de exames ou simplesmente de passagem de ano, mas em que muitas têm de redobrar de esfôrço no estudo para salvarem um ano talvez em perigo, quási que não há momentos livres, mas quando passar esta época de trabalho mais intenso, aprendei a aproveitar os *momentos perdidos* para trabalhar para os pobres.

Conheço uma rapariga que tem feito lindos trabalhos *só* nêsses momentos que nós habitualmente desperdiçamos: enquanto se espera, se conversa, etc.

Tem sempre à mão o cêsto da costura: e a pegar e a largar, o trabalho vai crescendo e chega ao fim!

Que no vosso cêsto ou saca de costura haja sempre um trabalhinho começado; e vereis que boa companhia êle vos fará em certas horas vazias em que a ociosidade nos enerva e em certas horas tristes em que o trabalho consola...

E assim, pouco a pouco, sem vos ser pesado nem enfastiar o trabalho, quando chegar o mês de Dezembro podereis, como o ano passado, apresentar lindos enxovais que vão fazer a felicidade de muitas mãis pobres que, sem a vossa caridade, não teriam talvez com que cobrir os seus filhinhos

Os babetes de que damos os modêlos são muito simples; fàcilmente se fazem e fàcilmente se lavam e passam a ferro: são bons para usar todos os dias. Fazem-se do seguinte modo: desenha-se o feitio sôbre o tecido exterior que se coloca sôbre o fôrro, que pode ser de flanela. Cosem-se as duas partes à máquina e volta-se do direito. E' então que se faz o ponto de crochet que guarnece o babete.

CASAQUINHO COM ENCAIXE EM REDONDO

Quantidade: aproximadamente 50 grs. de lã de 4 fios, marca "Futi„ por exemplo e agulhas n.º 4 e 3 para os punhos e gola. Escolha-se as grossuras das agulhas conforme a lã utilizada (depende da qualidade e grossura da lã).

Os pontos empregados são: 1.º ponto: *elástico* (para os punhos): 1 malha de liga e 1 malha de meia; 2.º ponto: *liga* (para o encaixe e barra de casaco) ponto de liga; 3.º ponto: *meia* (para o corpo e mangas): 2 voltas de liga. Tôdas as 3 voltas da parte feita em ponto de meia são intercaladas de 2 voltas da liga.

Modo de fazer o trabalho: Começa-se pelo meio das costas, trabalhando em sentido vertical. Deitam-se 54 malhas na agulha. Trabalham-se 10 voltas em ponto de liga (barra). Começa-se o corpo do casaquinho por 3 voltas em ponto de meia. As 12 malhas do lado direito do casaco fazem-se sempre em liga (encaixe) assim como as últimas 9 malhas da esquerda (barra). Consegue-se o feitio redondo do encaixe trabalhando até ao fim d'agulha 2 voltas sôbre 3. Depois da 9.ª risca começa-se a manga.

Deitam-se 25 malhas a seguir aos 5 primeiros pontos dos corpos depois do encaixe. Trabalham-lhe 12 riscas. Depois fecham-se os 25 pontos trabalhando-se 2 malhas de cada vez. Segue-se a frente do casaquinho constando de 16 riscas deitando as 25 malhas para a outra manga na mesma altura de malhas da 1.ª. A outra metade das costas, seguindo ao contrário as explicações da 1.ª parte. A seguir enfia-se numas agulhas finas tôdas as malhas da borda da manga que se fazem com 8 voltas em ponto de elástico terminando como de costume de 2 a duas. No decote metem-se as agulhas finas também em tôdas as malhas. Faz-se uma volta de liga pelo direito; na segunda volta pelo avêsso começam-se os abertos 1 mate (duas malhas juntas) deita-se laçada na agulha outro mate e assim seguidamente até ao fim das malhas. Na volta do direito (em liga) fazem-se tôdas as malhas mais 1 volta pelo avêsso outra pelo direito e temos uma bordinha feita com a qual se termina o casaquinho.

(O casaquinho de malha e os calções de que damos o modêlo e acabámos de ensinar a fazer estão calculados para bébés de colo.

Depois de publicado um enxoval completo para recem-nascido publicaremos em seguida os modêlos para os bébés de mais dum ano).

SOLUÇÃO
DAS CHARADAS

N.º 1: Sacavém
N.º 2: Parede

CALÇÕES PRÁTICOS

Material a empregar: — 50 grs. "Futi„ portuguesa: — Agulhas n.º 4.

Pontos empregados: — 1.º p. de elástico para barra na cintura e borda das pernas: (uma malha do direito outra do avêsso); 2.º p., de liga: — (uma volta do avêsso outra do direito) para a frente e outro lado dos calções.

Modo de fazer o trabalho: — Deitam-se 70 malhas trabalha-se 1,5 de ponto de elástico. A seguir o ponto aberto fazendo de 10 em 10 malhas 1 mate: duas juntas) seguido de uma laçada (linha sôbre a agulha) na volta seguinte trabalham as malhas e laçadas, assim ficam feitos os abertos para enfiar a fita da cintura, ou elástico estreito. Fazem-se ainda mais umas poucas de voltas do ponto de elástico conforme se desejar o tamanho do cóz e começa-se a parte da frente fazendo-se 92 riscas de liga e fecham-se 26 malhas de duas a duas de cada lado. Sôbre as 18 malhas deixadas no centro fazem-se 12 voltas de liga (que dão 6 riscas do direito). Depois deitam-se de cada lado dêste centro as 26 malhas para se seguir o outro lado seguindo ao contrário as explicações. Finalmente enfiam-se tôdas as malhas das pernas nas agulhas n.º 3 e fazem-se 5 voltas em ponto de elástico, arrematando duas a duas como de costume. Cozem-se as costuras do lado sem apertar o ponto e temos uns calções muito práticos e simples de fazer.

ESTA última página do Boletim será reservada para a colaboração das Filiadas da M. P. F. Nela se responderão também a todas as cartas que nos forem dirigidas.

Todo o Boletim *é vosso*. Mas esta página pertence-vos particularmente porque será *feita* por vós.

Respondei às *preguntas* que vos fazemos.

Dai-nos com simplicidade e entusiasmo a vossa colaboração.

TODA

a Filiada da M. P. F. tem o dever de assinar o

BOLETIM

e de fazer a sua propaganda

INSCREVEI-VOS COMO ASSINANTE!

ARRANJAI-NOS ASSINATURAS!

Quem conseguir 10 assinaturas receberá a sua DE GRAÇA.

PARA as Filiadas da Mocidade Portuguesa Feminina responderem:

1 : Como deve uma Filiada da M. P. F. preencher o seu tempo de férias?

Enviar as respostas para: *Direcção do Boletim "Mocidade Portuguesa Feminina„ — Praça Marquês de Pombal, 8 — Lisboa.*

Só poderão ser publicadas as respostas recebidas até ao dia 31 de Maio.

As 3 melhores respostas serão premiadas com uma assinatura gratuita da "Mocidade Portuguesa Feminina„.

Serão postas de parte as respostas que por inferioridade literária ou má orientação não merecerem ser publicadas.

As respostas devem ser assinadas com o nome e com o número da Filiada, Centro, Ala e Província a que pertencem.

Fot. de Horácio Novais